

DL

AVISO PRÉVIO

Alcoentre continua em risco. Não se instalaram os dispositivos electrónicos de vigilância, a guarda (pobre dela) mantém-se na mesma — desmotivada, desautorizada frequentemente — os «pides» contestam e o comandante Xavier reclama, pede meios, acções práticas. Afinal, estamos na dialéctica do detido e do detentor: ambos se sentem prisioneiros um do outro.

Sem dúvida, o comandante Xavier tem um lugar difícil, uma missão de primeira linha. As incompreensões que o cercam e a própria natureza do cargo não pressupõem que haja voluntários dispostos a substituí-lo. Para mais, está entre dois fogos: a P. I. D. E. (leia-se: toda a reacção, toda) e o País nas suas mais diversas matizes políticas.

Sem dúvida, também, que espera, todos esperamos, o salvador inquerito. Mas o inquerito não lhe dá meios, pelos vistos. O inquerito é um tranquilizante que, nos tempos que correm, já tem o perigo da habituação. E mais nada.

Entretanto, alguma coisa se passa no País. Alguma mobilização está a acontecer no E. L. P. e nos quadros da ex-P. I. D. E. que circulam aqui, em Espanha ou no Brasil, nos Estados Unidos ou na África do Sul. Nos que cruzam as fronteiras de Espanha para cá e de Angola para dentro. E depois vai haver o 11 de Novembro — uma data a aproveitar. E há os milhares de informadores susceptíveis de chantagem; e os que entraram e saíram com ou sem salvo-conduto. Tanta coisa, tanta nuvem...

Mas o inquerito avança, valha-nos isso. Custóias, Alcoentre, Penitenciária e mais depósitos têm nele o seu cordão invisível de alta tensão, o mais fácil.

E depois, se o artifício falha? Novo inquerito?

Com toda a evidência não podemos a continuar, por tudo e por nada, a usar do recurso da vigilância popular, quando a vigilância do Governo repousa no papel selado ou no ofício que pede meios e não obtem despacho.